

O LONGO CAMINHO DO CURTO

LUÍZA LOBO



Dileni Campos e Otavildo Caldeira, trabalhar na Pedra

"Desde que se iniciava, há cerca de cinco anos, a lei de classificação especial para filmes curtos, tem havido uma verdadeira luta entre quem se dedica a esse gênero de filmes e de apresentar, além, que o pessoal começa manter o alto nível dentro do Festival este ano." Vladimir Carvalho, um dos vencedores do I Festival de Curtos em Vestibular 70.

Marginal

Em 1968, o Instituto Nacional de Cinema criou, pelo Decreto-Lei nº 43, a obrigatoriedade da exibição de curta-metragem nas salas de projeção. Foi só um ano depois, pela Resolução nº 4, que o prazo de 20 dias por ano foi estipulado. E em outubro de 1971, o Instituto Nacional de Cinema desistiu para a necessidade de criar uma comissão para realizar uma pré-seleção dos curtos que anualmente se inscrevem. E o que explica o Sr. Reginaldo Maranhão, do INC:

— Antes não existiam. Classificação especial a 70 ou 80 filmes por ano. Isto resolveu um problema de armazenamento por parte dos cinemas, que pela lei devem reservar 20 dias para cada filme. Agora mudamos o sistema, com a seleção feita exclusivamente apenas cinco filmes por trimestre, no total 15 por ano. E os filmes devem ter entre cinco e 10 minutos de duração. Este ano, esta quantidade ainda não foi completada, e se houver excesso, poderemos dilatar o prazo de exibição obrigatória.

Mas para Vladimir Carvalho, professor de cinema da Universidade de Brasília, "há muito que o INC deveria ter assumido a distribuição do curta", pois enquanto o longa-metragem tem prazo reservado nas salas de projeção pelos distribuidores, a exibição do curta permanece marginal.

Cinema em baixa

Desde a instituição da Resolução nº 4-71 que os distribuidores estão obrigados a pagar aos produtores o equivalente a 12 salários mínimos por cada filme. Mas por cada semana, durante o prazo regulamentar de exibição, que é de 20 dias. Mas para burlar a lei, os distribuidores compram as cópias, evitando assim o pagamento devido.

Mas se em 1967 uma cópia de curta-metragem valeu no mercado de R\$ 40 de São Paulo Cr\$ 8 mil, em outubro de 1968 já tinha caído para a metade. Hoje um curta alcança no máximo Cr\$ 1,5 mil e isso quando o produtor comprar. Há um desânimo quando se vê um estufo de filmes suficientes para abirir três próximos cinco anos.

A fiscalização do INC, no que diz respeito à distribuição de filmes, restringe-se ao badeado — uma lista analítica com o relação de longo e do complemento exibido, público e preço — e não de distribuição. Há, portanto, como atesta Ana Carolina Teixeira Soares, há participantes do Festival desde sua fundação, que é o seu quinto curso. Os outros são Munir Lobo, em direção de Geraldo Sarro, e Flandera, Três Desenhos e Indústria.

Os filmes têm sido vendidos distribuidores pelo a fiscalização do INC e muito precária. O controle de distribuição de cópias e a obrigatoriedade de dias não foram de modo

talho, chegam ao produtor apenas 30% da venda real que o distribuidor tem com o filme.

Sérgio Santoro, realizador de Klaxon, resume assim o problema:

— O distribuidor não quer pagar o equivalente a 12 salários por cada filme produtor de curta-metragem, o que para eles é mesmo negócio. E nem há por que se podem receber de Cr\$ 25 a Cr\$ 30 mil das companhias produtoras de cinema que se dedicam a fazer filmes de propaganda de produtos e suas instituições.

Falsa saída

O Festival de Curta-Metragem promovido anualmente pelo JORNAL DO BRASIL e o grupo do gênero no Brasil, tendo como direção das atividades da Universidade de Brasília e do Estado de São Paulo.

— O festival não é um grande atrativo — afirma Vladimir Carvalho. Mas o destino do curta no Brasil não pode ficar estacionado a este estágio temporário. O filme curto, e em especial o documental, é um gênero que interessa à cultura e à educação. Além disso, o documental é um fator de preservação da cultura do país, evitando a sua descaracterização e retrocedendo o sentido de nacionalidade.

Davi Neves acusa o preconceito generalizado existente no Brasil contra o filme curto de 16 mm. Em outros países esse é muito valorizado e há possibilidade de aproveitamento neste tamanho, e de uma posterior ampliação para 35 mm, havendo boas condições técnicas.

— O INC de um modo geral despreza o curta de 16 mm e não o aceita, por considerá-lo não-comercial e também não-profissional — diz ele. Mas no Brasil, como todo um cinema para o filme de 16 mm através de uma existência da maioria dos laboratórios para se obter condições técnicas na ampliação. Além disso, os filmes da Fundação do INC são, na sua maior parte, distribuídos em 16 mm através do Serviço de Cinema Educativo para as escolas.

Cultura desprestigiada

Tomás Farkas, produtor dos filmes Cantaria, de Geraldo Sarro, e Beste, de Sérgio Maranhão, detesta a posição de que é necessário maior apoio e fomento por parte do Governo para a exibição do curta nas escolas, dotando-o, inclusive, de professores. E Vladimir Carvalho completa o pensamento:

— O curta é um assunto de interesse público, que o Governo, com toda a sua propaganda, tem esquecido, inexplicavelmente. No caso de documental, esse problema desaparece e aparece dentro da possibilidade de intervenção e atuação nos processos educativos. A obra, seja qual for, existe em qualquer área do conhecimento, social, econômico, tecnológico, etc. deveria se apoiar nos dados que os filmes podem oferecer de forma convincente e direta.

A televisão deveria comprar os direitos do curta — afirma Tomás Farkas, produtor. — Enquanto ela não desparar para a possibilidade de empregar o curta como forma cultural e educativa, não haverá saída para o problema.

UM TESTEMUNHO DE FÉ

ALEX VIANY

Considerando-se a quase inexistência de um mercado para filmes, é admirável o esforço dos que se dedicam à curta-metragem no Brasil. A própria precariedade da comercialização dos produtos condiciona e mesmo vicia a escolha de assuntos e os métodos de trabalho.

Não é de admirar, portanto, que das duas últimas de filmes em concurso no 2º Festival Brasileiro de Curta-Metragem, nada menos de nove receberam em maior ou menor grau o *table top*, focalizando artistas, escolas ou movimentos, e mesmo épocas. *Achamento da Terra Brásia*, de Ademar Camará, sobre experiências de Glauco Ferraz, Carlos Leão, de Sônia Morici, *Desert*, *Aquarelas de Rio*, de Raquel Sison, *Di Um Personagem na Vida*, de Paulo Memede, *As Hípernas do Papel*, de Sérgio Augusto, em forma das histórias em quadrinhos, *Klaxon*, de Sérgio Santoro, que trata de uma produção do movimento universitário brasileiro; *Pintores do Engenho de Dentro*, de Orlando Paiva, que reúne desenhos e pinturas de esquadristas; *São Paulo, do Café à Indústria*, de Václav Luis Rogério, e *Steinberg*, de Roman Stulbach.

O cuidado técnico

Quase todas bem cuidadas, tecnicamente — como de resto, a maioria dos filmes apresentados — ressaltam-se alguns desses filmes de certa maneira no tratamento de seus temas. No caso de *Pintores do Engenho de Dentro*, sabe-se que Orlando Paiva encontrou enormes dificuldades de trabalho, mas o mesmo não se pode dizer dos demais filmes dedicados a artistas plásticos. Nesse grupo, a obra mais realizada é *Klaxon*, de Sérgio Santoro, há bem informado quanto as homenagens que Sérgio Augusto e Roman Stulbach prestaram à seus heróis e heroínas de papel.

Os três filmes de animação — *Filés*, de Lúcio Sérgio, e *Eraido*, *Lampião ou Para Cada Grilo uma Cortiça*, de Sili, e *A Raposa e o Passarinho*, de Antônio Moreno — não parecem acrescentar qualquer dimensão maior ao que já foi feito até aqui por Sili e os demais autores do gênero no Brasil.

No lado de *Klaxon*, que não chega a ser totalmente feita em sua tentativa de resuscitar Oswald de Andrade, três outros filmes são parecidos ou totalmente excepcionais. *Emboscada*, de Bruno Barreto, baseado num conto de Harriet Beecher Stowe, com interpretação de Rodolfo Arena e Václav Osof; *Petrópolis*, de Haroldo Maranhão Barbosa, com Claudio Corrêa e Castro, Tati Medina e Betizildo Jardim; e *Retiencinas*, de José de Anchieta, com todo o elenco escondido atrás de máscaras contra máscaras.

Vencedores do Festival Brasileiro de Curta-Metragem em São Paulo, *Ku Não Sou Maria*, Haroldo Maranhão Barbosa prova em *Petrópolis*, que a curta-metragem é um estágio importante em sua carreira. Esperemos agora sua primeira experiência em longa-metragem. Também Bruno Barreto, que vem evoluindo através das várias conquistas promovidas pelo JB, já está passando a longa-metragem. Sua *Emboscada* é uma realização corajosa, com as limitações do próprio gênero e do sócio por ele escolhido. Quanto a *Retiencinas*, um apelo

sobre a poluição atmosférica, vale mais pela ideia original do que por seu desenvolvimento, onde falha a inventiva de José de Anchieta.

Presença documental

Documentários mais ou menos puros são *Beste*, de Sérgio Maranhão; *Cantaria*, de Geraldo Sarro; *Maior Cosme de Farias*, de Luna Euphrosina; *Pantanal*, de Ana Carolina Teixeira Soares; e *Trabalhar na Pedra*, de Otavildo Caldeira e Dileni Campos. Os dois primeiros foram produzidos por Tomás Farkas, que ainda cuida da fotografia de *Beste*. O bom nível já esperado de Farkas, Muniz e Sarro é mantido nessa obra fascinante fragmentos da civilização nordestina. Ressalte-se que Sérgio Muniz atua, na trilha sonora, da narrativa da chegada do homem à Lapa, num contraste por vezes curioso, de alta tecnologia e de uma medieval taxa fabricação acrompanhadas. No caso de *Maior Cosme de Farias*, um assunto e um material excelente são prejudicados por mau aproveitamento e uma pior narrativa.

Já *Pantanal*, que Jorge Bodanys filma em Mato Grosso para Ana Carolina, acaba por restringir-se a uma caçada à urca, abandonando a proposta de seu título — talvez por dificuldades de produção. Veterano dos concursos do JB, autor de *Telejornal*, um dos vencedores dos festivais de cinema amador, Otavildo Caldeira associa-se ao fotógrafo Dileni Campos em *Trabalhar na Pedra*, documental de grande beleza plástica sobre os trabalhadores nas pedreiras do vale do Rio Jacaré no Estado do Rio.

Apesar de demonstrarem pelo assunto uma pateta que tão grande quanto aquele retratado, amor dos trabalhadores por suas pedras, é evidente que Caldeira e Campos têm uma certa resistência a reportagem, se bem que não conseguem tantas informações quanto outros concorrentes.

Intenções e resultados

Os quatro filmes realzados também têm aspectos documentários, ainda que suas propostas sejam outras, mais marcadamente impressionistas. Em *Jardim Nova Bahia*, Aluísio Basílio colhe o depoimento do balano Destruída da Paraíba, lavador de automóveis em São Paulo, e depois dirige a câmara no próprio Destruída, para uma brincadeira inconsequente em *Rua das Palmeiras*, Sr. Jorge Lacerda, com a ajuda da câmara de seu irmão Renato registra a demolição de uma velha casa de Botafogo. Em *Tempo de Mar*, Hilmado em Arraial do Cabo, Pedro Morais faz um exercício um tanto antiquado de *avant-garde*, mostrando mais uma vez a excelente qualidade de sua fotografia, já provada em *Os Inconvenientes*, de Joaquim Pedro de Andrade, e também em *Carlos Leão*, de sua irmã Suzana de Moraes.

Finalmente, de Pernambuco, veio *Viaje Apocalíptica do Radinho de Pilho*, onde Fernando Monteiro pretendeu mostrar criticamente a presença transformadora de transformar no sentido nordestino. Outra vez, al. a ideia é melhor do que a realização — outra vez, não se sabe até que ponto as dificuldades de produção prejudicaram as intenções do autor.

O curta-metragem no Brasil luta, apesar de tudo. O seu Segundo festival acaba de se realizar, com filmes admiráveis pelo esforço, mas que se ressentem da precariedade das condições de produção. E seus realizadores desesperam-se à espera de uma solução que não vem



Sérgio Santoro (direita), Klaxon

Dinâmica 72

Depois de 22 anos dedicados a revender móveis de categoria, a Ralf resolveu aplicar toda essa experiência e passou a fabricar seus próprios móveis de escritório.

O resultado aí está. A Ralf criou e lança agora no mercado nacional a linha DINÂMICA - 72. Móveis de escritório fabricados com as mais nobres madeiras da Bahia. Características dinâmicas, elegantes, funcionais e econômicas. A partir de Cr\$ 300,00. Cadeiras confortáveis e anatômicas por apenas Cr\$ 150,00. Afinal, são preços de fábrica.

Visite uma das lojas Ralf. Você vai se sentir muito bem entre os móveis da linha que os móveis de categoria Ralf para o seu novo e dinâmico escritório.

RIO DE JANEIRO: CHAMINÉ - Avenida Azeite de Peixe, n. 27 loja B Tel. 2878233
SALVADOR: Móveis Ralf - Avenida São de Setembro, n. 249 Tel. 5 0205 e 3 5673
SAO PAULO: SCL/301, 204 B, C, Loja 34 e 36
BRASÍLIA: Avenida Emília, n. 880
SAO PAULO: Avenida Emília, n. 880 Tel. 5 27089

Móveis Ralf



Sérgio Muniz (direita), Beste